

COMENTÁRIO DA PROVA DE LÍNGUA PORTUGUESA

Ainda que mais longo que os textos exibidos em anos anteriores, o texto apresentado para análise nesta prova da FEPAR é bastante claro e interessante. Versa sobre a teoria da chamada “dissonância cognitiva”, elaborada pelo professor norte-americano Leon Fastinger. Estão enumerados os parágrafos do texto.

A primeira questão trata da estrutura do texto e é bastante acessível, pois está claro que o primeiro parágrafo não apresenta o tema do texto. Os parágrafos 1 e 3, sim, apresentam o caso real que provocou a elaboração da teoria da “dissonância cognitiva”. As demais assertivas da questão são todas verdadeiras.

A questão segunda, traz relações de coesão e coerência e é mais complexa. Exige leitura atenta de cada afirmativa (são várias em cada alternativa).

A questão de número três pede reescrita de alguns períodos do texto para se destacarem aquelas que preservam o sentido proposto no texto original. Trabalhos desse gênero foram exaustivamente treinados durante o ano letivo.

A prova, portanto, não traz surpresas — nem boas, nem más — e segue a tendência dos exames anteriores. Exige-se do candidato conhecimento linguístico atrelado a poder de leitura. Diferentemente das provas de instituições outras que promovem um completo esvaziamento dos conteúdos linguísticos e gramaticais, esta prova sabe dosar leitura e conhecimentos acumulados na vida escolar. Ponto para o aluno que lê e valoriza o estudo dos fenômenos linguísticos.

Equipe de Língua Portuguesa

Festinger e a dissonância cognitiva

P1 Em 1954, Marion Keech, uma dona de casa de Chicago, teve uma visão: no dia 21 de dezembro, o mundo acabaria num dilúvio de proporções bíblicas. A mensagem lhe teria sido entregue por uma divindade extraterrena chamada Sananda, diretamente do planeta Clarion, e aqueles que acreditassem seriam salvos por uma nave em missão de resgate. Parece brincadeira, mas não é. No grupo de ufologia de Keech, todos acreditaram na história; muitos largaram empregos, famílias e bens, na expectativa do funesto apocalipse. [...]

P2 Leon Festinger, professor de Psicologia em Minnesota, soube do culto e se interessou pela história. O pesquisador sabia que quanto mais cara uma decisão, em termos de tempo, dinheiro, esforço, e quanto mais irrevogáveis suas consequências, maior o apego das pessoas ao caminho escolhido, mesmo que este se revele um grande equívoco. Ele imaginava como seria o comportamento daquele grupo de fiéis depois que a previsão não se cumprisse.

P3 Na noite do dia 20, todos (e o infiltrado Festinger) se reuniram aguardando o cataclismo. No dia 21, nenhum OVNI havia pousado em Chicago, nem em qualquer outro lugar da Terra. Marion Keech irrompeu em prantos, para logo depois receber nova e providencial mensagem de Sananda: o grupo reunido havia irradiado tanta energia positiva que os deuses resolveram poupar este insignificante planeta azul.

P4 Foi esse evento bizarro que levou Festinger à elaboração da teoria da *Dissonância Cognitiva*. Afirma o Prof. Festinger (1956): “Dissonância e consonância são relações entre cognições – entre opiniões, crenças, conhecimentos sobre o ambiente e as próprias ações e sentimentos. Dois itens de conhecimento são dissonantes quando não se encaixam entre si, ou quando um não decorre do outro.” Basicamente, a dissonância é a velha moral dupla, que nos permite tomar uma atitude enquanto pregamos outra, ou criar justificativas absurdas para as faltas mais evidentes. Sananda nos poupou, foi isso.

P5 Esse processo está ligado à imagem que construímos de nós mesmos e que quase nunca coincide com o que de fato somos. Em geral nos consideramos competentes, éticos, espertos. Mas como somos humanos – e, por isso, passíveis de erro – temos o impulso de nos justificar e evitar a responsabilidade por qualquer ação que se revele prejudicial, imoral ou estúpida, preservando assim nossa imagem diante do espelho. Todo dia temos oportunidade de abrir a porta do elevador para o idoso, dar a vez ao carro que sai da garagem, fazer exercícios; todo dia temos também oportunidade de furar fila, avançar o sinal, fechar um cruzamento, faltar à academia. Alguns desses deslizes nós cometemos sem mesmo perceber que constituem erros. Mesmo assim, cremos estar sempre melhorando; nossas decisões são sempre acertadas e há motivos razoáveis para tudo que fazemos. Fulano avançou o sinal porque estava atrasado, fechou o cruzamento porque era sua vez de passar. A culpa nunca é nossa; é sempre das circunstâncias.

P6 Como é então que conseguimos dormir em paz depois de um dia inteiro de cretinices? A verdade, nua e crua, é que não pensamos muito nisso. Encaixamos justificativas em nossos deslizes diários de forma tão automática que eles passam praticamente despercebidos. De certa forma, a teoria da *Dissonância Cognitiva* é uma teoria de pontos cegos – de como as pessoas intencionalmente deixam de enxergar aquilo que lhes desagradam, ignorando fatos vitais capazes de questionar seus comportamentos e convicções.

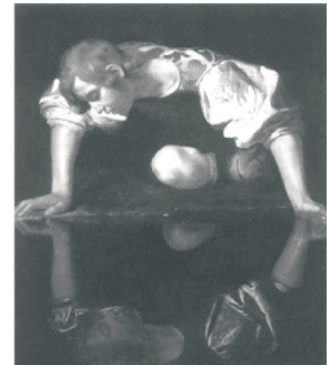
P7 Essa autojustificativa tem custos e benefícios. Festinger mostrou que é ela que nos alivia. Sem ela viveríamos torturados com a culpa pelos caminhos não tomados, ou pelos erros cometidos no caminho escolhido. A dissonância cognitiva evita mais ansiedade, culpa, vergonha, estresse e outros estados psíquicos negativos, mas ao mesmo tempo nos aliena do peso da responsabilidade moral: optamos pelo remédio exatamente oposto ao da reflexão ou da confissão religiosa. Sempre nos dizem que temos de aprender com nossos erros, mas como podemos aprender, se nos recusamos a admiti-los?

P8 Algumas pessoas inventam tantas histórias para justificar seus atos que passam a viver realidades paralelas, versões completamente distorcidas e danosas, mas que satisfazem seu ego porque justificam uma ignorância e uma mediocridade jamais assumidas. Alguns desses indivíduos chegam a ser patológicos em sua necessidade de autoafirmação, que os leva, via de regra, a uma sucessão de mentiras, uma encobrendo a outra, tecendo um ilusório manto de superioridade.

(Adaptado de: ARAÚJO, R. Disponível em: <http://rodolfo.typepad.com/no_posso_evitar/2009/6>. Acesso em: 29 jun. 2010)

1 Avalie as afirmativas com relação ao conteúdo essencial de cada parágrafo indicado.

- a. () (F) P1 apresenta o tema; P2 e P3 comentam o caso que confirmou a teoria de Festinger.
- b. () (V) P4 e P5 resumem a teoria e poderiam formar um único parágrafo, sem prejuízo da coerência textual.
- c. () (V) P6 focaliza a alienação inerente à dissonância cognitiva.
- d. () (V) Em P7, a dissonância cognitiva acaba funcionando como uma espécie de “tóxico” relativamente à consciência moral e à afirmação do ego.
- e. () (V) Em P8, a dissonância cognitiva pode ser um mecanismo legitimador da corrupção e da tirania.



PROVA COMENTADA PELOS PROFESSORES DO CURSO POSITIVO

Vestibular EVANGÉLICA 2010/2011 LÍNGUA PORTUGUESA



2 Considere as cinco frases abaixo e avalie as afirmativas a seguir, referentes a cada uma delas.

- (F1) O pesquisador sabia que **quanto mais** cara uma decisão, **em termos de** tempo, dinheiro, esforço, e **quanto mais** irrevogáveis suas consequências, **maior** o apego das pessoas ao caminho escolhido, **mesmo que** este se revele um grande equívoco.
- (F2) Marion Keech irrompeu em prantos, **para** logo depois receber nova e providencial mensagem de Sananda: o grupo reunido havia irradiado **tanta** energia positiva **que** os deuses resolveram poupar este insignificante planeta azul.
- (F3) **Dissonância** e **consonância** são relações entre **cognições** – **entre** opiniões, crenças, **conhecimentos** sobre o ambiente e as próprias ações e sentimentos.
- (F4) Esse processo está ligado à imagem **que** construímos de nós **mesmos** e **que** quase nunca coincide com **o que** de fato somos.
- (F5) A dissonância cognitiva evita mais ansiedade, culpa, vergonha, estresse, mas ao mesmo tempo **nos aliena do peso da responsabilidade moral**: optamos pelo remédio exatamente oposto **ao da reflexão** ou da confissão religiosa.
- a. () (F) “Quanto mais... maior” tem sentido de consequência; “em termos de” tem sentido de limite; “mesmo que” tem sentido de hipótese.
- b. () (F) A preposição “para” tem sentido de finalidade; os dois-pontos são coordenativos e poderiam ser substituídos por ponto e vírgula; a estrutura “tanta... que” tem sentido aditivo e comparativo.
- c. () (V) Nos casos assinalados (em negrito), o prefixo “co-” tem o mesmo sentido, oposto ao do prefixo “di-”; o travessão não poderia ser substituído por ponto e vírgula; “entre... e...” é uma estrutura preposicional de correlação.
- d. () (V) O “que” é pronome relativo nos três casos, embora com funções sintáticas distintas; “mesmos” e “o” pertencem à mesma categoria gramatical.
- e. () (F) Os termos “nos” e “do peso...” são objetos direto e indireto do verbo “alienar”; “ao da reflexão” é complemento nominal e não poderia ser separado por vírgula.

3 Considere as frases abaixo.

- I - O pesquisador sabia que quanto mais cara uma decisão, em termos de tempo, dinheiro, esforço, e quanto mais irrevogáveis suas consequências, maior o apego das pessoas ao caminho escolhido, mesmo que este se revele um grande equívoco.
- II - Dois itens de conhecimento são dissonantes quando não se encaixam entre si, ou quando um não decorre do outro.
- III - [...] como somos humanos – e, por isso, passíveis de erro – temos o impulso de nos justificar e evitar a responsabilidade por qualquer ação que se revele prejudicial, preservando assim nossa imagem diante do espelho.
- IV - A verdade, nua e crua, é que não pensamos muito nisso. Encaixamos justificativas em nossos deslizes diários de forma tão automática que eles passam praticamente despercebidos.
- V - Sem essa autojustificativa viveríamos torturados com a culpa pelos caminhos não tomados, ou pelos erros cometidos no caminho escolhido.

Os itens a seguir estão relacionados, respectivamente, a cada uma das frases acima. Assinale (V) para os que contiverem afirmativas com o mesmo sentido de sua respectiva frase e uma estrutura gramaticalmente correta; assinale (F) para os que não apresentarem essas condições.

- a. () (F) O pesquisador sabia que uma decisão pode ser tão cara em termos de tempo, dinheiro, esforço, ou de consequências tão dramáticas que aumenta o apego das pessoas ao caminho escolhido, mesmo se revelando um grande equívoco.
- b. () (V) Dois itens de conhecimento são dissonantes quando são incongruentes ou não guardam vínculo de causalidade entre si.
- c. () (F) Como somos humanos suscetíveis de erro, temos o hábito da desculpa para fugir da responsabilidade por qualquer ação nociva, mantendo assim a integridade de nosso ego.
- d. () (V) A grande verdade é que pouco refletimos sobre isso; justificamos nossas faltas cotidianas de modo tão natural que elas mal são percebidas.
- e. () (F) Sem essa autojustificativa viveríamos torturados pela culpa dos caminhos não tomados, ou dos erros cometidos no caminho escolhido.